

"Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIXStela Schenato¹stelaschenato@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: a produção fumageira tem grande importância econômica para o Brasil, sendo o país um dos maiores produtores e exportadores dessa cultura atualmente. Em Santa Catarina, os avanços da produção fumageira possibilitaram que o estado se tornasse uma referência, com a segunda maior produção do país. Considerando a importância dessa cultura no estado, este trabalho tem por objetivo analisar a produção de fumo em Santa Catarina no século XIX, procurando entender como se deu o desenvolvimento da produção e da exportação na época. Como fontes foram utilizados os Relatórios de Presidente de Província de Santa Catarina (1830-1930).

Palavras-chave: Fumicultura; Santa Catarina; Exportação; Agricultura.

Abstract: the tobacco production has great economic importance to Brazil, and the country one of the largest producers and exporters of this culture today. In Santa Catarina, the advances of the tobacco production made it possible for the state to become a reference, with the second largest production country. Considering the importance of this crop in the state, this work aims to analyze the production of tobacco in Santa Catarina in the nineteenth century, trying to understand how was the development of production and exports at the time. As sources we used the Santa Catarina Province President Reports (1830-1930).

Keywords: Tobacco growing; Santa Catarina; Export; Agriculture.

O Brasil é o segundo maior produtor de fumo do mundo. O país exporta aproximadamente 28% do fumo exportado mundialmente². A planta, que é de origem americana, foi difundida pelos portugueses para diversas partes do mundo. No Brasil, durante a América Portuguesa a planta foi produzida em larga escala, sendo utilizado na reprodução da sociedade escravista da época³. Neste período o nordeste e o sudeste eram os maiores produtores de fumo do Brasil. Na historiografia o possível caráter escravista da cultura fumageira ainda está em discussão.

Esse artigo vem com a preocupação de entender o histórico econômico do cultivo de fumo no século XIX em Santa Catarina, procurando entender também como a produção se

1 Graduanda do Curso de História na Universidade Federal de Santa Catarina.

2 SILVA; SCHUTZ; SOUZA, 2011, p. 6.

3 ACIOLI, 2005, p.22.



"Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX – Stela Schenato

desenvolveu no estado, em que colônias, bem como os avanços da exportação em relação a essa cultura. Essas informações são importantes para entender as características da produção fumageira no século XIX, que hoje se tornou a cultura não alimentícia com maior exportação de Santa Catarina.

Para fazer a análise do desenvolvimento do fumo do século XIX em Santa Catarina, analisei os Relatórios de Presidente de Província que estão todos disponíveis na internet⁴. O material é muito rico em informações sobre o funcionamento e desenvolvimento das colônias de 1830-1930, englobando vários estados brasileiros. Ative-me as partes em que os relatórios apresentam o desenvolvimento da agricultura e, principalmente, da introdução e cultivo do fumo das principais colônias de Santa Catarina. Essa cultura não é demasiadamente estudada, mas o material que se tem disponível é volumosa e rica.

O trabalho será constituído de duas partes. Na primeira parte desenvolverei uma breve contextualização sobre o fumo na América Portuguesa e, seu desenvolvimento na América Colonial. E na segunda parte a análise dos Relatórios de Presidente de Província, focando no desenvolvimento da cultura do fumo e da exportação do mesmo.

A cultura do fumo no Brasil

O tabaco é atualmente a mais importante cultura agrícola não alimentícia do planeta e contribui substancialmente para as economias de mais de 150 países⁵.

O Brasil é o segundo maior produtor de fumo do mundo, perdendo apenas para a China⁶. A produção brasileira que hoje se concentra mais no sul do país, tem Santa Catarina como responsável por 33% da produção⁷. Visando à importância que essa cultura tem para o país e, para Santa Catarina, vamos entender um pouco da história da produção dessa cultura.

4 Os relatórios de presidente de província se encontram disponíveis no site Center of Research Libraries: Global resources network. Segue link: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>.

5 SOUZA CRUZ, 2015.

6 SILVA; SCHUTZ; SOUZA, 2011, p.3.

7 RURAL CENTRO, 2012.



"Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX – Stela Schenato

O fumo⁸ ou tabaco é originário da América e era utilizado por alguns povos indígenas de Norte a Sul. Segundo Silva:

O fumo foi descoberto pelos portugueses em 1492 através da expedição de Cristovão Colombo a Cuba. Sabe-se, porém que há mais de quatro mil anos se cultiva e se usa o tabaco. Há registros de que no início se deu na América do Norte e Central, com os povos Maias, e, a partir destes, outros povos indígenas aprenderam técnicas de cultivo e de utilização do tabaco em seus cerimoniais. Para os indígenas, o tabaco tinha poderes sagrados, pois aproximava os homens dos seus deuses⁹.

A planta depois da chegada dos europeus na América foi levada para os outros continentes como a África, Ásia, Oceania e a Europa. Durante a América Portuguesa a cultura teve forte relação com o tráfico e comércio de escravos, sendo utilizado como moeda de troca. E foi uma das maiores fontes de renda do governo português¹⁰. Quando falamos de produção de fumo, logo, pensamos em pequenas propriedades e mão de obra, exclusivamente, familiar. Porém, durante a América Portuguesa, o sistema de produção era diferente do atual, como vamos perceber na discussão feita por alguns historiadores econômicos.

Gustavo Acioli Lopes, por exemplo, realizou um balanço historiográfico tendo as relações de produção como eixo do trabalho. Para entendermos como o processo de produção se consolida no século XIX, precisamos nos ater a este trabalho. A discussão histográfica realizada pelo autor nos aponta para a lavoura durante a América Portuguesa, localizada no nordeste brasileiro, caracterizada por pequenas propriedades, com mão de obra familiar, produzindo fumo em rolo e com presença ou não de trabalho escravo. Em sua obra, Lopes relaciona diversos autores que tratam sobre a economia na América Portuguesa, dentre eles José Roberto do Amaral, Caio Prado Junior, Catherine Lugar, Jean Baptiste Nardi, e outros. Estes tratam sobre a produção fumageira e discutem o regime de mão de obra e de propriedade e uso da terra na fumicultura. José Roberto do Amaral Lapa, por exemplo, demonstra o predomínio da pequena propriedade, cultivada por pequenos plantéis de escravos e com mão de obra familiar. Caio Prado Junior compreende que a produção fumageira era de

8 Utilizo o termo "fumo" de forma popular durante o trabalho pois ele é utilizado de forma corrente pelos agricultores e também nos Relatórios de Presidente de Província.

9 SILVA, 1999, p.31-32.

10 ACIOLI, 2005.p.23



"Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX – Stela Schenato

"caráter escravista", pois necessitava de mão de obra escrava em todas as etapas do processo. Mas, a cultura também não poderia ser encaixada no regime de plantation, por seu caráter de cultura de "jardinagem". Jean Baptiste Nardi afirma que a cultura do fumo se caracterizava pelo minifúndio, mesmo que tivesse presença de mão de obra escrava.

A discussão histográfica realizada pelo autor nos aponta para a lavoura durante a América Portuguesa, localizada no nordeste brasileiro, caracterizada por pequenas propriedades, com mão de obra familiar, produzindo fumo em rolo e com presença ou não de trabalho escravo.

Gustavo Acioli em seu estudo aponta ainda que a propriedade rural e a mão de obra da lavoura não mudam, consideravelmente, do século XVIII para o XIX. Porém, a forma de produção e exportação do tabaco tem uma mudança efetiva. Este autor, nos mostra que:

“A valorização do tabaco em folha nas primeiras décadas do século XIX, como já chamara a atenção Catherine Lugar, abriu espaço para produtores ainda mais modestos, uma vez que não necessitavam das instalações de beneficiamento do tabaco em rolo, levando à maior participação de “camponeses” nesta lavoura. Foi o que se verificou na freguesia de São Gonçalo dos Campos, maior produtora de tabaco da região, onde, em 1835, cerca de 65% dos lavradores não tinham um escravo sequer”¹¹.

A presença de escravos nas lavouras de fumo no século XVIII não era regra. O trabalho com o fumo em rolo (enrolado e amarrado) era mais árduo, portanto muitas vezes necessitava de mais mão de obra. A transformação do processo de produção e comercialização fica evidente a partir do século XIX. O fumo, a partir desse momento, comercializado em folhas, necessita de um trabalho mais minucioso e cuidadoso. Marineide Silva, em sua dissertação intitulada "Trabalho, saúde e risco na fumicultura: um estudo de caso no município de Içara – SC" discorre sobre o apogeu do fumo no Brasil:

"Assim, como nos demais países, no Brasil, o fumo diversificou-se, surgindo novas variedades de plantio, novos produtos e novas áreas de cultivo. No início do século XX o setor fumageiro se expandiu para todo o Brasil, o fumo passou a ser cultivado em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina"¹².

11 ACIOLI, 2005, p.32.

12 SILVA, 1999, p. 34.



Como podemos perceber o apogeu da planta se deu no século XX, mas já no século XIX em Santa Catarina a cultura do fumo se mostrava mais rentável frente aos produtos alimentícios. Era mais rentável tanto para a colônia, quanto para os agricultores familiares. No século XIX, há uma desconcentração da produção, por três motivos: declínio da escravidão, diminuição do monopólio português e abertura dos portos.

O fumo em Santa Catarina no século XIX

Os relatórios de presidente de província têm informações ricas sobre as colônias, em relação à agricultura, educação, serviço público, entre outros. Eles nem sempre foram escritos pelo mesmo presidente, portanto o formato das informações é diverso. Alguns dos relatórios são pessoais e outros mais sistemáticos, logo o quantitativo de informações em cada relatório sobre a agricultura varia, consideravelmente.

A maioria das informações presentes nos relatórios sobre a cultura do fumo estão nas seções relacionadas a colônias e agricultura. Sobre as colônias temos informações abundantes em relação a fundação, números de imigrantes, religião predominante e, claro, sobre a agricultura e subsistência dessas colônias. Em todos os relatórios são apresentados quantidade de pessoas na colônia, sua nacionalidade e religião. Podemos notar que em momento algum os negros e indígenas estão presentes nessa relação, são simplesmente ignorados.

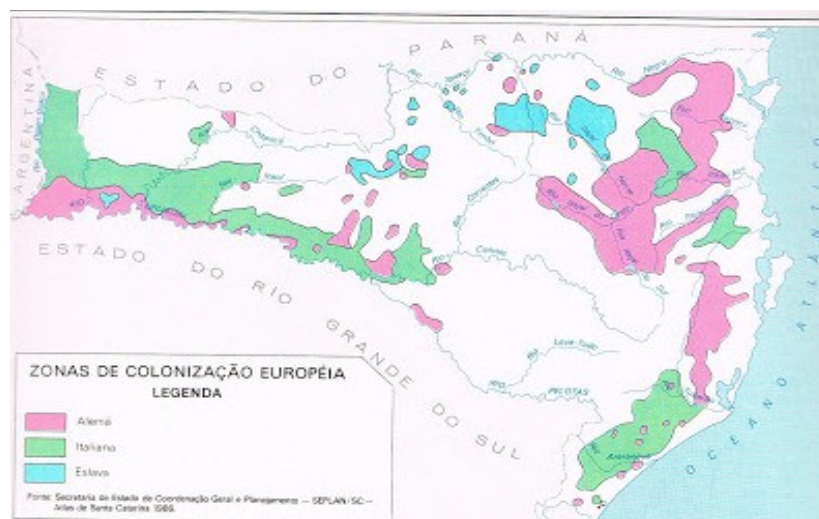
As colônias de Santa Catarina começaram a se estabelecer, por volta, de 1829. As primeiras colônias foram as de Santa Thereza e Angelina, localizadas no vale do rio Tijucas, prosperaram muito em relação agricultura e a cultura do fumo. Ao todo, citadas nos relatórios, 10 (dez) colônias eram produtoras de fumo: Colônia Nova Itália (não ganha grande destaque em produção), de Itajaí, Blumenau, Joinville, Militar Santa Thereza, Dona Francisca, Nacional Angelina, Brusque, Santa Izabel e Teresópolis. A produção de fumo se localizou principalmente no alto vale do rio Itajaí e vale do rio Tijucas. No mapa abaixo podemos ver que essas colônias localizam-se onde há maior predominância de colonização alemã. De fato, os relatórios apresentam que, as colônias com maior produção, tinham mais colonizadores



"Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX – Stela Schenato

alemães, sendo poucos os italianos e poloneses. Como podemos perceber a maior zona de colonização italiana fica a oeste de Santa Catarina, nos relatórios de presidente de província não consta informações significativas sobre a produção de tabaco nas colônias deste local.

Imagem 1. Zonas de colonização europeia em Santa Catarina.



Fonte: Santa Catarina/povoação e colonização. *Geo – Conceição*, 2012.

As colônias alemãs foram as maiores produtoras com as colônias de Blumenau, Dona Francisca e Joinville. A colônia Dona Francisca teve um crescimento no cultivo considerável, de 1861 a 1865, sua produção cresceu de 12,250 braças quadradas para 30,500 braças quadradas¹³. A "evolução" das colônias em relação à agricultura é perceptível através dos números de exportação, o fumo foi um dos grandes destaques a partir de 1860. Deixando para trás as culturas alimentícias.

Os relatórios analisados começam em 1835 e atingem a data de 1889. Até 1843 a produção agrícola de Santa Catarina se restringia a produção alimentícia, principalmente de milho, feijão, batata, trigo, mandioca e cana de açúcar. Em 1838 o presidente da província de Santa Catarina, João Carlos Pardal, relata que o fumo estava se desenvolvendo pela introdução de novos agricultores, não por notas técnicas de produção. O fumo era um produto muito apreciado por alemães e italianos, portanto o início da produção, possivelmente, se deu para consumo próprio. Pardal relatou também, que a cultura do trigo estava atingindo bons

¹³ Braça quadrada equivale a 2,20 x 2,20 metros = 4,84 metros = uma braça quadrada.



"Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX – Stela Schenato

números, portanto já estavam deixando de ser dependentes de países estrangeiros, em relação a essa cultura¹⁴.

Em 1843 observo o primeiro relatório que destaca a produção fumageira, relacionada com a colônia Nova Itália, de imigrantes italianos. Neste período o fumo já se mostra como produto de mercado junto com o café, feijão, arroz e mandioca¹⁵. Nestes relatórios ainda não constam dados numéricos, mas o presidente Antero Jozé Ferreira de Brito coloca essas quatro culturas em destaque naquele ano, o que ainda não havia acontecido até então. Percebemos também a presença do fumo em pequena escala na colônia de Joinville, por estar presente pelo menos uma fábrica de charutos, que mais tarde vai ser um item exportado com abundância por algumas colônias.

Os anos de 1863 a 1867 foram os mais produtivos, período em que a exportação de fumo e charutos era grande. Neste período os relatórios são extremamente abundantes em informações, os presidentes estavam orgulhosos do desempenho dessa cultura e do benefício que ela trazia para a província. Os relatórios anteriores – 1830 a 1850- mostram que as colônias estavam iniciando seus trabalhos com a terra, iniciava-se as coivaras¹⁶ e a plantação era unicamente para a subsistência. Portanto, o processo até as primeiras famílias de agricultores se estabelecerem e iniciarem o trabalho agrícola é lenta. O fator da agricultura não ter desenvolvido como o esperado, era creditado pelos relatores, pela falta de pessoas para cultivar as terras. Assim que as colônias cresciam, em contingente populacional, sua economia também crescia. Esse desenvolvimento acontece a partir de 1860 com o desenvolvimento das colônias.

Durante o período referenciado acima, o que mais se destacou foi à exportação. Nos relatórios não consta se a exportação de fumo era internacional, interprovincial ou entre as colônias. Muito provavelmente, havia comercialização interna para localidades com maior número de fábricas de charutos. No trabalho de Renato Leite Marcondes intitulado "O mercado brasileiro do século XIX: uma visão por meio do comércio de cabotagem" o fumo,

14 RELATÓRIOS DE PRESIDENTE DE PROVÍNCIA, 1838, p. 14-15

15 RELATÓRIOS DE PRESIDENTE DE PROVÍNCIA, 1843, p.17.

16 A coivara é feita no início da plantação, se faz a derrubada da mata nativa e queimasse a vegetação para que o plantio seja possível em um campo limpo. Atualmente não se utiliza mais a coivara em grande escala, pois esse método causa esgotamento do solo pela queima.



"Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX – Stela Schenato

aguardente, toucinho e café já se fazem presente como produtos comercializados entre províncias deste 1791, provindos principalmente do sul do país¹⁷.

As colônias que mais produziram fumo foram as de Blumenau – que triplicou sua produção de 1864 a 1865-, de Brusque e a colônia Dona Francisca. Os relatórios apresentam informações acerca das dificuldades dessa época, a falta de estradas e transportes adequados dificultava o desenvolvimento da exportação. A colônia de Brusque se apresentava com grande potencial fumageiro, porém as estradas estavam atrasando a colônia, sendo o pedido pelas obras uma reivindicação dos agricultores. A passagem abaixo ressalta a dificuldade da colônia militar Santa Thereza de fazer o transporte dos produtos agrícolas.

"Os seus produtos de milho e feijão em anos escassos, são consumidos na colônia: e quando o ano é fértil conduzem às colônias de Santa Izabel, Teresópolis e mesmo a de São Pedro de Alcântara. Mas aos poucos os que a isso se propõem pela falta de animais suficientes para descerem com uma qualidade de carga e voltarem com outra. Por isso o comercio na colônia não passa de pequenas quantidades de café, açúcar, fumo, sabão e aguardente, que com grandes dificuldades são para ali transportadas, mediante fretes caríssimos"¹⁸.

A exportação do fumo era grande, tanto que a partir de 1865 a exportação das colônias se baseava, apenas, de fumo em folhas e charutos, produzidos pelas fábricas existentes em Santa Catarina. As principais fábricas se localizavam no Alto Vale do Itajaí, sendo muito referenciadas à Colônia Dona Francisca. Porém, não consta nos relatórios os locais exatos onde estavam instaladas estas indústrias. Deve se considerar que as fábricas não davam conta de toda a produção e o que acontecia com o excedente da produção não consta nesta documentação. Nos relatórios de 1865 está presente, por exemplo, uma passagem que afirma que o fumo produz bem, porém só não aumenta por falta de indústria.

"A exportação da colônia continuo a ser diminuir em açúcar e aguardente em consequência do maior consumo interior, e pode ter restringido a sua produção, prejudicada nestes últimos anos pelas repetidas geadas enchentes e moléstia de cana. Tomou, porém considerável incremento a do fumo e charutos, que promete uma fonte de abastança para a colônia"¹⁹.

17 MARCONDES, 2012, p.146.

18 RELATÓRIOS DE PRESIDENTE DE PROVINCIA, 1864, p.13

19 RELATÓRIOS DE PRESIDENTE DE PROVINCIA, 1865, p.22-23.



Nos relatórios a presença do orgulho de uma ala de exportação promissora é muito grande. As colônias que produziam principalmente produtos alimentícios para, consumo interno, desenvolvem sua economia em volta da cultura do fumo, das fábricas e engenhos. Ou seja, a principal fonte de renda da colônia vem da produção fumageira e não alimentícia. A agricultura familiar contribuiu muito para o desenvolvimento da cultura do fumo, já que é a partir do século XIX que o perfil da fumicultura se estabelece - pequena propriedade com mão de obra familiar.

A partir de 1867 a lavoura prospera lentamente. Em 1868, houve desastres com as chuvas, o que prejudicou consideravelmente a colheita no ano de 1869, e a produtividade das colônias, tendo que se importar mais produtos nessa época. As colônias caminhavam lentamente com o processo de fortificação da agricultura, necessitando-se de mais estradas e sementes. Esses pontos eram queixa de quase todas as colônias do estado. Porém tem-se uma boa produção de fumo depois dos desastres com as chuvas. Em 1876, o presidente das províncias, relata que "A produção destes gêneros não basta para o consumo dos colonos, a exceção do FUMO, cuja colheita do ano passado importou (para outros lugares) em 4,700 quilogramas"²⁰.

Os gêneros em que o relator se refere são principalmente aguardente, arroz, açúcar, feijão, milho, batatas, que ainda não chegam a uma exportação efetiva e, algumas vezes ainda se importa por insuficiência de produção da lavoura.

É importante dizer que a produção do fumo começa a tomar um destaque maior a partir do século XX, com a popularização dos cigarros, onde o consumo cresce. Esse período é conhecido como a chegada das grandes empresas que dominam o mercado do tabaco atualmente.

Considerações finais

A cultura do fumo ganhou destaque assim que foi propagada pelo mundo. A importância desta cultura na América Portuguesa foi efetiva para a reprodução da sociedade escravista. Porém, nesse período sua produção e comercialização eram feitas de forma

²⁰ RELATÓRIOS PRESIDENTE DE PROVINCIA, 1976, p. 90.



"Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX – Stela Schenato

diferente. Se utilizava, ocasionalmente, mão de obra escrava e, a comercialização da planta era feita em rolos. A comercialização muda, quando o mercado muda, precisando-se de folhas de melhor qualidade, a forma de se produzir se adapta. O século XIX é o período em que a produção de fumo se transforma. A exportação cresce. Os agricultores familiares utilizam, basicamente, mão de obra da casa, pequena produção e, conseqüentemente, o trabalho se tornou mais minucioso e exaustivo, para esses produtores.

O século XIX em Santa Catarina foi importante pela consolidação desse formato de produção, da agricultura familiar e de novas técnicas. A planta tinha grande destaque em exportação, o que levantava a economia da província. Já que as culturas alimentícias, muitas vezes, conseguiam apenas suprir as necessidades das colônias, o fumo foi à cultura de abastança para a província e para as colônias.

Como já foi dito, o verdadeiro apogeu da planta se dá apenas depois do século XX. A partir desse momento, a produção, principalmente, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul tem a presença das empresas fumageiras, que propõem para os agricultores o sistema integrado de produção. Esse sistema é discutido por alguns trabalhos, afirmando que muitas vezes não favorece os agricultores. O trabalho é exaustivo, a cobrança é grande e o salário/remuneração total é baixo. Cada pessoa que trabalha com a produção do fumo ganha por mês menos de um salário mínimo. Sem falar nas doenças que estão afetando, e sempre afetarão esses agricultores, principalmente, depois dos agrotóxicos. Ressalto, finalizando, que não tive recursos documentais suficientes, para fazer uma análise sobre a vida social dos fumicultores no século XIX em Santa Catarina, limitando-me a uma discussão econômica. Neste momento, um estudo sobre a vida social dos fumicultores nas macrorregiões (Vale do Itajaí e Vale do Rio Tijucas) de Santa Catarina é de total importância para entendermos as relações de trabalho e as permanências na cultura fumageira.

Referências

ACIOLI, Gustavo. A ascensão do primo pobre: O tabaco na economia colonial da América Portuguesa – um balanço historiográfico. *Saeculum*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p.22-37, Junho/2005. Semestral. Disponível em: <www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/download/.../6427> Acesso em: 05 maio 2015.



BOEIRA, Sérgio Luís. *Atrás da cortinha de fumaça: Tabaco, tabagismo e meio ambiente: estratégias da indústria e dilemas da crítica*. 2000. 445 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Humanas/sociedade e Meio Ambiente, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

BOEIRA, Sérgio Luís. GUIVANT, Julia Silva. Indústria de tabaco, tabagismo e meio ambiente: As redes ante os riscos. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 20, n. 1, p. 45-78, jan./abr. 2003.

CARGNIN, Marcia Casaril dos Santos. *Perfil demográfico, socioeconômico e de saúde de famílias de fumicultores de um município do Sul do Brasil*. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

COSTA, Irani del Nero da. *Pesos e medidas no período colonial brasileiro*. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/doc/Pesos%20e%20medidas%20no%20período%20colonial%20brasileiro.pdf>> Acesso em: 05 abril 2015

LOPES, Gustavo Acioli. Caminhos e descaminhos do tabaco na economia colonial. *Mneme: Revista de Humanidades*, Natal, v. 5, n. 12, p.1-16, out. 2004. Semestral. Disponível em: <www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/265> Acesso em: 10 maio 2015.

MARCONDES, Renato Leite. O mercado brasileiro do século XIX: uma visão por meio do comércio de cabotagem. *Revista de economia política*. São Paulo: v. 32. nº1, p.142-166. jan-mar 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572012000100009/> Acesso em: 11 abril 2016.

Provincial Presidential Reports. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/santa_catarina/> Acesso em: 05 de abril de 2015.

PINCELLI, Ângela Cristina S.. *Trabalho infanto-juvenil na fumicultura e responsabilidade social empresarial: o discurso da Souza Cruz*. 2005. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102561?locale-attribute=es>> Acesso em: 05 abril 2015.

RURAL CENTRO. *Produção de fumo em Santa Catarina corresponde a 33% do mercado nacional*. 2012. Disponível em: <<http://ruralcentro.uol.com.br/noticias/producao-de-fumo-em-santa-catarina-corresponde-a-33-do-mercado-nacional-63442#y=0>> Acesso em: 01 de abril de 2015.

Santa Catarina/povoação e colonização. *Geo – Conceição*. 2012. Disponível em: <<http://geoconceicao.blogspot.com.br/2012/05/santa-catarinapovoamento-e-colonizacao.html>> Acesso em: 05 abril 2015.



SILVA, Filipe Guilherme Ramos da; SCHÜTZ, Guilherme Augusto; SOUZA, Daniel Augusto de. *A cadeia produtiva do fumo em Santa Catarina*. Disponível em: <http://www.apec.unesc.net/VI_EEC/sesoes_tematicas/Tema8-EconomiaRegionaleUrbana/Artigo-7-Autoria.pdf> Acesso em: 05 abril 2015.

SILVA, Marineide Maria. *Trabalho, saúde e risco na fumicultura: um estudo de caso no município de Içara – SC*. 1999. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

SOUZA CRUZ. *Impacto e importância econômica*. 2015. Disponível em: <http://www.souzacruz.com.br/group/sites/sou_7uvf24.nsf/vwPagesWebLive/DO7V9KFB?opendocument> Acesso em: 05 abril 2015.

Recebido em 07 de julho de 2015

Aceito para publicação em 16 de maio de 2016

